



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA (CELIP IV)**

JOEL GUEDES DE SOUSA

**O DISCURSO NAS ENTRELINHAS DO TEXTO: as escritas no papel e no
celular dialogam sobre o preconceito racial em sala de aula**

CAMPINA GRANDE-PB

JUL/2014

JOEL GUEDES DE SOUSA

O DISCURSO NAS ENTRELINHAS DO TEXTO: as escritas no papel e no celular dialogam sobre o preconceito racial em sala de aula

Trabalho monográfico apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Língua Portuguesa (CELIP IV) da Universidade Estadual da Paraíba, em atendimento às exigências para obtenção do Grau de Especialista.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes da Silva Leandro

CAMPINA GRANDE-PB

JUL/2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

725 Sousa, Joel Guedes de
O discurso nas entrelinhas do texto [manuscrito] : as escritas no papel e no celular dialogam sobre o preconceito racial em sala de aula / Joel Guedes de Sousa. - 2014.
53 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Língua Portuguesa: Princípios Organizacionais da Língua e Funcionamento Textual-Discursivo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Maria de Lourdes da Silva Leandro, Departamento de Letras".

1. Letramento 2. Novas Tecnologias 3. Análise do Discurso
4. Torpedo 5. Mensagem Escrita I. Título.

21. ed. CDD 372.62

JOEL GUEDES DE SOUSA

O DISCURSO NAS ENTRELINHAS DO TEXTO: as escritas no papel e no celular dialogam sobre o preconceito racial em sala de aula

Aprovada em: 09/07/2024

Maria de Lourdes da Silva Leandro Nota 9,0
Profª. Drª. Maria de Lourdes da Silva Leandro / UEPB
Orientadora

Simone Dália G. Aranha Nota 9,0
Profª. Drª. Simone Dália de Gusmão Aranha / UEPB
Examinadora

Marcelo Vieira da Nóbrega Nota 9,0
Prof. Me. Marcelo Vieira da Nóbrega / UEPB
Examinador

Média 9,0



Dedico este trabalho a toda a minha Família, meu pai, minha mãe e aos meus quatro irmãos pelo amor, cuidado, carinho e dedicação para comigo. Obrigado por tudo!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar presente em minha vida, fazendo de mim um ser capaz de lutar, persistindo com garra, humildade e fé.

Ao meu pai José Virginio (Duda), pelo esforço, dedicação e amor incondicional para comigo.

A minha mãe Lúcia, por seus momentos de preocupação e pelo incentivo na caminhada, em que o estudo está em primeiro lugar.

Aos meus irmãos Edson, Leandro, Izenir e Elení, por toda uma vida de união. Sem esquecer o meu sobrinho Michel, que também é um verdadeiro irmão.

Aos meus vizinhos e amigos, Vando e família, Luzinalva, pela presença constante no meu dia a dia.

Aos alunos da turma do ensino fundamental, 9ºano, professores e funcionários em geral da E. M. E. F. Margarida Almeida dos Santos e à direção, na pessoa de Ana Cláudia Gonçalves Cândido.

Aos professores do Curso de Especialização em Língua Portuguesa (CELIP IV), pois contribuíram ao longo desse um ano e meio, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB e em especial à secretária do Curso de Especialização em Língua Portuguesa (CELIP IV), pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de turma pelos momentos de amizade e apoio.

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes da Silva Leandro, pelo empenho e dedicação para o desenvolvimento deste trabalho e à Banca examinadora, Prof^a. Dr^a. Simone Dália de Gusmão Aranha e Prof. Me. Marcelo Vieira da Nóbrega. Muito obrigado!

“Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

RESUMO

Uma das preocupações da escola contemporânea está em manter o aluno na sala de aula atento para o conteúdo, e, na atualidade, isso se tornou mais difícil ainda, pois os meios de comunicação, construídos, hoje, pela tecnologia têm sido considerados “invasores”, quando se trata de sua presença em sala de aula. Considerando, então, o aprendizado e domínio do escrever texto na escola, diante desses novos modos de letramento gerados no mundo digital, este trabalho traz dados de uma pesquisa realizada em sala de aula que procurou experienciar com o educando situações de comunicação, através do celular, com o uso do torpedo, em torno de um tema de natureza sociocultural. Com base na questão: Qual a contribuição do gênero torpedo para o desenvolvimento da produção escrita do aluno do 9º ano do Ensino Fundamental? A análise tem como objetivo geral: Refletir sobre as práticas de letramento do sujeito-aluno, à luz dos novos gêneros digitais como forma de aprendizado. E como objetivos específicos: (a) Comparar diferentes competências leitoras e de produção de texto na recepção e produção de torpedo e mensagens escritas no papel. (b) Analisar os discursos do sujeito-aluno em mensagens escritas no celular (gênero torpedo) e no papel, considerando o domínio da escrita nos referidos gêneros. Nessa direção, este estudo tem como base a Análise de Discurso (orientação francesa). E para tanto conta com a orientação da pesquisa-ação. Resultados evidenciados nessa experiência demonstram que, através do tema “preconceito racial”, foi possível enxergar que o sujeito aluno, quando escreve torpedo, demonstra, em relação à escrita no papel, que seus discursos são mais espontâneos, evidenciando-se em recursos linguístico-discursivos que caracterizam outra forma de escrita.

Palavras-chave: Discurso. Letramento. Escrita no papel e escrita no celular. Sala de aula.

ABSTRACT

One of the concerns of contemporary school is to keep the student in the classroom attention to content, and, nowadays, it has become even more difficult because the media built today by technology have been considered "invaders" when it comes to their presence in the classroom. Then, considering the learning and mastery of writing text in school, before these new modes of literacy generated in the digital world, this work presents data from a survey conducted in the classroom with the student sought experience situations of communication via the mobile with the use of the torpedo, around a sociocultural issue. Based on the question: What is the contribution of gender torpedo for the development of the student's written production of the ninth year of elementary school, the analysis has the general objective: To reflect on the literacy practices of the individual student, the light of new genres digital as a way of learning. And how specific objectives: (a) Comparing different skills readers and text output at the reception and production of torpedo and messages written on paper. (b) analyze the discourses of the subject student-written messages on mobile (genus Torpedo) and on paper, considering the field of writing in those genres. In this sense, this study is based on Discourse Analysis (French orientation). And so has the orientation of action research. Results shown in this experiment demonstrate that, through the theme of "racial prejudice", it was possible to see that the student subject when he writes torpedo, demonstrates, in relation to writing on paper, that his speeches are more spontaneous, showing in-language resources discursive featuring other form of writing

Keywords: Discourse. Literacy. Written on paper and written in the cell. Classroom.

LISTA DE SIGLAS

AD – Análise de discurso

CMC – Comunicação Mediada pelo Computador

FD – Formação Discursiva

FI – Formação Ideológica

SMS – Short Message Service

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Proposta de aula de Língua Portuguesa para o nono ano do Ensino Fundamental.....	40
--	----

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
1	CAPÍTULO I – Fundamentação teórica.....	17
1.1	Discurso e interdiscurso.....	17
1.2	Formação Ideológica e Formação Discursiva.....	19
1.3	Sujeito: posição sujeito.....	21
1.4	História: argumentos ideológicos entre cor e raça.....	24
2	CAPÍTULO II.....	27
2.1	Linguagem e gênero de discurso: diferentes esferas da atividade humana.....	27
2.2	Linguagem e prática social: o gênero torpedo na sala de aula.....	28
2.3	Da historicidade da escrita ao discurso eletrônico.....	30
2.4	Tecnologia digital: porta para o letramento.....	32
3	CAPÍTULO III – Procedimentos metodológicos.....	35
3.1	A natureza da pesquisa.....	35
3.2	As condições para coleta de dados.....	36
3.2.1	A escola.....	37
3.2.2	Os sujeitos da pesquisa.....	38
3.2.3	Descrição das aulas.....	39
4	CAPÍTULO IV – Análise Discursiva.....	41
4.1	Retomando as condições de produção.....	41
4.2	O torpedo em sala de aula versus a escrita da tradição escolar.....	41
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS.....	48
	ANEXOS.....	50

INTRODUÇÃO

Hoje, em pleno desenvolvimento da sociedade moderna (sec. XXI), evidencia-se uma grande revolução tecnológica, posto que a sociedade da era da informação recebe influência advinda do universo digital. Em outras palavras, esse é um período histórico da cultura atual. E essa amplitude no campo da comunicação oral e escrita, nesse universo digital, pode vir a facilitar as práticas de letramento escolar. Visto que o sujeito contemporâneo se depara constantemente com diversas formas de linguagem nos meios digitais, sejam elas verbais ou não verbais, e nesse contexto, a escrita digital se torna um elo na comunicação entre os sujeitos da sociedade atual. Assim, é possível compreender o termo letramento em um sentido mais amplo, ou seja, ele deve e pode ser entendido como uma prática social que vem favorecer a interpretação dos discursos propagados pela sociedade da era digital.

Logo, o professor dessa sociedade contemporânea precisa dialogar com esses discursos que envolvem práticas de letramento em que se incluem as novas tecnologias na sala de aula. Essas que vêm tornando a comunicação entre as pessoas bem mais ágil. Nesse contexto pode-se mencionar um meio muito popular de interação entre as pessoas que é o uso do celular, instrumento conhecido como aparelho móvel de telefonia, que vem se inserindo no cotidiano das pessoas.

O celular, de tal forma se inseriu nas relações sociais que é praticamente impossível sair de casa sem ele. Usa-se no trabalho, nas horas vagas, nos momentos de lazer, conversando com amigos, entre parentes e até mesmo na escola, na sala de aula, apesar da proibição. Suas formas de uso, isto é, suas funções sociais, são as mais variadas possíveis, e uma das mais exploradas é a comunicação interpessoal do envio de torpedos.

Por ser o celular um instrumento de comunicação muito utilizado na modernidade, ele é de grande importância por apresentar flexibilidade que oferece ao usuário um lugar em que se produzem variadas formas de interlocução.

O jovem em especial ou qualquer pessoa, quando quer mandar um recado, um aviso ou convidar uma outra pessoa para participar de algum

evento, encontra logo uma solução, o envio de mensagens de texto que em inglês significa *Short Message Service* (SMS) e no Brasil, pela rapidez na comunicação, chama-se “torpedo”.

Assim, essa entre outras são as novas situações de estabelecimento da comunicação que moldam o dia a dia da civilização moderna, ou seja, estão presentes no social e marcam uma época de mudanças e inovações. No entanto, como produtor das mensagens, o usuário produz textos que circulam, se apagam ou se fixam conforme a situação para que foram produzidos e em que são úteis, conforme o lugar em que se instauram.

Nesse caso, ao se usar o aparelho móvel para o envio de mensagens, faz-se uso de um *lócus*, com características físicas específicas, e comparando-se com a folha de papel, é esse também outro lugar em que o texto se fixa. E, ao ser considerado como um suporte, o celular poderia ser visto como apenas um objeto a mais para carregar, segurar. Mas, segundo Marcuschi (2003, p.4 apud Silva *et al.*, 2007, p.110),

suporte tem a ver centralmente com a ideia de um **portador** do texto, mas não no sentido de um meio de transporte ou veículo, nem mesmo como um suporte estático e sim como um *lócus* no qual o texto se *fixa* e tem repercussão sobre o gênero que suporta.

Dessa maneira, pode-se compreender que o sujeito, ao utilizar o celular para o envio de mensagens (torpedos), estará atuando sócio discursivamente, interagindo com o seu locutário através de um *lócus*, e nesse caso a mensagem torna-se um meio eficaz de comunicação, de modo que esse modelo de interação é realizado de forma rápida e espontânea.

E, ao pensar no uso do celular não apenas como um mero instrumento de brincadeiras e distração entre os jovens, esse que é visto sem funcionalidade no meio educativo-escolar, é que este trabalho vem se apresentar, pois tem-se observado, nas salas de aula, que a maioria dos estudantes não se desprende mais do celular, utiliza-o para os mais variados fins, entre eles ligações paralelas, jogos e mensagens. Essas usadas de modo silencioso sem causar perturbações, a não ser a falta de atenção para com as aulas.

Considerando, então, esse contexto social e escolar, este trabalho traz dados de uma pesquisa realizada em sala de aula que procurou experienciar com o educando situações de comunicação, através do celular, com o uso do torpedo, em torno de um tema de natureza sociocultural. A produção do torpedo no celular dialogava com a produção de mensagem no papel. Isto é, os alunos vivenciavam a escrita das mensagens nos dois lugares (*locus*) de fixação do texto.

Ao relacionar o modo de ver e caracterizar esse objeto de comunicação moderna – o celular – como *locus* onde a escrita se instaura, não só como língua que promove a leitura, a comunicação, mas principalmente como um outro modo de se constituir língua escrita para a construção de sentidos, formula-se o seguinte questionamento: Qual a contribuição do gênero torpedo para o desenvolvimento da produção escrita do aluno do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma Escola Municipal situada no interior da Paraíba?

Ao enxergar que o uso do torpedo pode ser considerado como um espaço múltiplo de circulação da linguagem e produção da escrita, que pode vir a proporcionar o desenvolvimento do letramento do aluno na sala de aula, este trabalho focaliza um estudo que procura refletir acerca da experiência entre escrever torpedo e escrever no papel. Nesse sentido, procura demonstrar a importância das condições de produção que envolvem os discursos do sujeito-aluno diante da inovação tecnológica que vem invadindo o universo escolar.

Portanto, tem-se a escolha do gênero torpedo como forma de se trabalhar em sala de aula uma questão bem atual, que envolve o professor/educador: a preocupação com a distração do aluno que passa a se envolver mais com o celular do que propriamente com a aula. Assim, a melhor forma de tentar modificar esse que tem sido um problema foi a escolha desse gênero do discurso, torpedo, como forma de trazer o aluno para o ambiente escolar, fazendo com que participasse das atividades. E, para isso, nada mais envolvente do que trabalhar com o que interessa ao aluno, nesse caso o uso do celular na sala de aula como forma de desenvolver competências discursivas, importantes na formação do aluno, como leitor e escritor.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral: Refletir sobre as práticas de letramento do sujeito aluno, à luz dos novos gêneros digitais, como forma de aprendizado. E apresenta como objetivos específicos: (a) Comparar

diferentes competências leitoras e de produção de texto na recepção e produção de torpedos e mensagens escritas no papel e (b) Analisar os discursos do sujeito aluno em torpedos e em mensagens escritas no papel, considerando o domínio da escrita nos referidos gêneros.

Ao ter como base os processos de letramento que recebem influência da inovação tecnológica, este estudo se justifica no incentivo à produção textual através do uso de mensagens de textos, torpedos, procurando trazer contribuições para questões sobre o ensino da produção escrita e sobre a posição do professor diante do uso da tecnologia na sala de aula.

Assim, este é um estudo que tem como base a Análise de Discurso (orientação francesa) e para tanto busca a orientação da pesquisa ação, segundo Barros e Lehfeld (2007, p. 92). Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador não permanece só levantando o problema, mas procura desencadear ações de avaliá-las em conjunto com a população.

Este é um trabalho de conclusão de curso que apresenta a seguinte organização: introdução, capítulo teórico I que trata de conceitos teóricos no campo da AD sobre Discurso e interdiscurso, Formação ideológica e formação discursiva, Sujeito: posição sujeito e conta com o sub-tópico História: argumentos ideológicos entre cor e raça. O segundo capítulo aborda linguagem, tecnologia digital e letramento em um aspecto social, sendo introduzidos da seguinte forma: “Linguagem e gênero de discurso: diferentes esferas da atividade humana”, “Linguagem e prática social: o gênero torpedo na sala de aula”, “Da historicidade da escrita ao discurso eletrônico” e, em seguida, traz o sub-tópico “Tecnologia digital: porta para o letramento”. O terceiro capítulo faz referência à parte metodológica, trabalhando a natureza da pesquisa e os procedimentos metodológicos para, então, partir para o capítulo quatro em que se retomam as condições de produção e é feita a análise das produções textuais no tópico O torpedo em sala de aula versus a escrita da tradição escolar.

Esta é uma pesquisa que servirá de base para que o sujeito professor possa refletir sobre o uso das novas tecnologias na sala de aula, não deixando de trabalhar outras formas de linguagem, também será um incentivo para que os professores possam **enxergar** as possibilidades de se adequarem no contexto da sociedade atual, letrada e informatizada.

1CAPÍTULO I – Fundamentação teórica

Este primeiro capítulo se fundamenta em conceitos da AD (Análise do Discurso), abordando a sua fase inicial, com ênfase em seu precursor, Michel Pêcheux, cuja contribuição teórica acerca dos fatores de existência social, histórica e ideológica como pontos importantes, constitutivos da concepção de discurso, é trabalhada sob o ponto de vista de estudiosos como Orlandi (2005, 2004 e 2002), Dantas (2007) e Fernandes (2007).

1.1 Discurso e Interdiscurso

A Análise do Discurso teve início na década de 1960, precisamente na França, tendo como precursor Michel Pêcheux. Seu projeto sintetiza-se em três épocas (AD1, AD2 e AD3). Em Fernandes (2007), observa-se que a primeira época foi compreendida como um conjunto de discursos produzidos em um dado momento. Já a segunda apresenta a noção de formação discursiva e a terceira trabalha a desconstrução da noção de “maquinaria discursiva fechada” (ideologia), apresentando interrogações em torno do trabalho de Pêcheux.

Ao se falar em discurso, é importante considerar os elementos que têm existência no social, as ideologias, a História. Segundo Fernandes (2007, p.20), pode-se afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações sociais e políticas de toda natureza, que integram a vida humana.

Para Fernandes (2007, p. 17), é muito comum no cotidiano das pessoas se ouvir falar em discurso, principalmente nos pronunciamentos políticos, em contextos, cujo discurso é construído a partir de recursos estilísticos mais rebuscados, em pronunciamentos marcados por eloquência, em frases proferidas de forma primorosa, e muitas outras situações de usos da língua em diferentes contextos sociais. Assim, é possível compreender o discurso como sendo as diversas formas de se dizer alguma coisa em algum lugar e em um determinado momento da história.

Assim, o ponto de partida da Análise de Discurso (AD) é o próprio discurso. E, para que o discurso tenha uma existência material, necessita de elementos linguísticos, ou seja, para Fernandes (2007, p. 18), esses são aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando são pronunciadas.

Orlandi (2004, p. 36) lembra que a análise do discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção de sujeito do discurso e dos sentidos que o significam, permitindo dizer que o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído.

O discurso tem um caráter complexo pelo fato de implicar uma exterioridade à língua e ser apreendido no social. E, ao se falar em exterioridade, é possível inferir que é através da linguagem que o sujeito se materializa, produzindo discurso.

Conforme Fernandes (2007, p. 51), para a Análise de Discurso, o envolvimento de diferentes discursos e transformações sociais, que se integram aos processos de formação e transformação sociais, próprios da existência do homem, denomina-se interdiscurso. Dantas (2007, p.73) também menciona o interdiscurso, pontuando que a fala de todo e qualquer sujeito é perpassada por dizeres de outro lugar e outros sujeitos. Enfatiza que a FD (Formação Discursiva) produz a ilusão, para o sujeito, de que tudo o que está dito origina-se dele mesmo e significa o que ele quis dizer. Segundo Pêcheux (1988 apud DANTAS, 2007, p.74), o interdiscurso fornece a cada sujeito o que ele pode e deve dizer, um conjunto de evidências e de significações percebidas, aceitas, experimentadas.

O discurso, por procurar saber o que está entre a língua e a fala, encontra-se na exterioridade, no meio social. Portanto, para Orlandi (2004, p. 39), é no discurso que o homem produz a realidade com a qual ele está em relação e a noção que trabalha a exterioridade discursiva (ou exterioridade constitutiva) é a de interdiscurso. Conforme a mesma autora referenciada em Dantas (2007, p. 75), o interdiscurso só se realiza quando o falante mergulha numa alienação enunciativa, na qual as origens do dizer se apagam em favor de uma crescente apropriação da fala dos outros, como se o próprio sujeito as produzisse.

Frisa Orlandi (2004, p. 48), que a ideologia é uma prática significativa, não consciente, pois é efeito da relação com a língua e com a história em sua relação necessária, para que se signifique. Por sua vez, o sujeito é lugar historicamente (interdiscurso) constituído de significação. E quando os efeitos de sentido revelam conflitos sociais em espaços de enunciação, ocorre a formação de diferentes discursos, ou seja, uma formação discursiva revela formações ideológicas que a integram.

1.2 Formação Ideológica e Formação Discursiva

Sabendo que é pelo discurso que os efeitos de sentido se evidenciam, Fernandes (2007, p. 21) explica que esses sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelo sujeito em interlocução. Por isso, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioidelógico daqueles que a empregam.

Ao falar que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da história, em que entram o imaginário e a ideologia, Orlandi (2005) afirma que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este se submete à língua, significando e significando-se pelo simbólico na história. Enfatiza a autora que se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na história, ou seja, é na história que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, colocando-se na origem do dizer.

Para Orlandi (2004), ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre a linguagem e o mundo. Ao referenciar Pêcheux (1975), essa estudiosa enfatiza que os sentidos só se instauram a partir das FDs, ou seja, as palavras, expressões, proposições têm sentidos a partir das formações discursivas nas quais se inscrevem. Ainda, segundo a mesma autora, o lugar do sentido, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia.

Dantas (2007, p.48), ao falar sobre a produção de sentidos, afirma que para se ter efeitos de sentido, é necessário haver toda uma interdiscursividade que atravesse as palavras, os enunciados e os textos enquanto memória, para os sujeitos, de sua formação discursiva, do lugar de onde ele diz o discurso.

Nesse sentido, Fernandes (2007, p. 22) vem confirmar o que foi exposto por Dantas, ao afirmar que a língua se insere na história (também construindo-a) para produzir sentidos, em que a seleção das condições de produção insere o sujeito em uma formação discursiva (FD).

Hoje se vive em uma sociedade multicultural, de lugares e regiões distintas que, de certo modo, têm influência no dizer do homem. E por esse ponto de vista, Dantas (2007, p.52) enfatiza que

Todo e qualquer indivíduo, falante de uma língua natural, desenvolve-se, intelectualmente, num ambiente cultural e recebe deste, em seus aspectos sociais, históricos, políticos, religiosos, jurídicos, sua maneira de pensar, agir e atuar sobre o mundo. O problema é que esses universos culturais não são únicos e se desenvolvem heterogeneamente em sociedades e regiões. São destes diferentes lugares culturais que cada falante diz seu discurso. Há mais dois fatores que complicam essa ideia de “falar” a língua: uma única pessoa pode dizer o discurso de vários lugares ou pode assumir discursos de lugares em conflito.

Foucault (1995, p.43 apud DANTAS, 2007, p.52-53) explica esse problema da relação entre os enunciados em um discurso através de seu conceito sobre “formação discursiva”.

Para esse autor, no caso em que se puder, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Por esse contexto, todos esses sistemas culturais (conjunto de valores, ideologias), constitutivos de cada falante, caracterizam-se discursivamente como formações discursivas. Pêcheux (1997), então, ao se apropriar desse conceito de Foucault, sendo heterogêneo o discurso, afirma que sendo heterogênea a relação entre ideologia e discurso, as formações ideológicas “comportam uma ou mais formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito”.

Nesse caso, fica compreensível que os discursos, quando proferidos em lugares diferentes, passam a ocupar determinado espaço, cuja verdade será a marca do seu dizer, ou seja, o sujeito configurou seu conceito a partir de outros, mostrando que não é único, e sim heterogêneo.

Com base em Fernandes (2007), visualiza-se que é nesse entrecruzamento de diferentes discursos e formações ideológicas que se constitui a formação discursiva.

O discurso toma a língua materializada em forma de texto, forma linguístico-histórica, sendo ele o objeto. Dessa forma, entende-se que as palavras têm sentido por estarem em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inserem. Podendo haver, como já mencionado, uma efervescência entre o cruzamento de diferentes discursos e formações ideológicas responsáveis por constituir uma formação discursiva (FERNANDES, 2007, p. 50).

Sobre o jogo de posições ideológicas Pêcheux (1997. P. 196-197) afirma que

As formações ideológicas “comportam uma ou mais formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulando sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. Diremos então que toda formação discursiva deriva de condições de produção específicas”.

Assim, é possível compreender que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes, ou seja, em sujeitos do seu discurso, através das formações discursivas representadas “na linguagem” em conformidade com as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

1.3 Sujeito: posição sujeito

Orlandi (2005, p. 99) informa que o sujeito na Análise de Discurso é posição, na qual se observam os sentidos possíveis que estão em jogo, pois

sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da história, em que entram o imaginário e a ideologia.

Segundo Orlandi (2004), a ligação entre o que torna um homem um ser simbólico e o homem como ser histórico se encontra na interpretação. De um lado, há sujeitos falantes buscando sentido e, de outro, o homem sentenciado a significar. Ao falar sobre esses gestos, a autora esclarece a noção de “arquivo” ou “discurso textual”. Segundo ela, todo sujeito “recorre” a um “arquivo”, aos discursos textuais.

Visto que todo sujeito tem seu “discurso textual”, Orlandi (2004) entende que em todo discurso encontra-se a divisão do trabalho, no que diz respeito à interpretação, distribuído pelas diferentes posições do sujeito: o padre, o professor, o gerente, o líder sindical, o líder partidário etc. Sendo assim, essa relação pode ocorrer tanto em textos falados como em textos escritos que trabalham essa divisão, mostrando que os sentidos não estão soltos, e, sim, administrados pelo sujeito de discurso.

No domínio discursivo, o sujeito é uma “posição” entre outras, e é por esse motivo que a linguagem não é transparente nem o sentido é evidente. Se, de um lado, na língua, tem-se a forma empírica (“pata”), a forma abstrata (p/b) e a forma material (linguístico-histórica, ou seja, discursiva), em relação ao sujeito, tem-se, em contrapartida, o sujeito empírico (sociológico), o sujeito abstrato (ideal) e o que chamamos de a “posição” sujeito (ORLANDI, 2004, p.49).

Para Orlandi (2004), em *Análise de Discurso*, é preciso relacionar organização e ordem, já que a argumentação é vista no processo histórico em que as posições de sujeito são constituídas. Conforme a estudiosa, nesse caso, as filiações ideológicas já estão definidas e o jogo da argumentação não afeta as posições dos sujeitos. Assim, é possível falar que os argumentos (por exemplo, falar a favor dos pobres) são produzidos pelos discursos vigentes, em sua relação histórica (politicamente, ideologicamente) determinados, sendo que os argumentos são derivados das relações de discursos (ORLANDI, 2004).

O objetivo da AD doravante *Análise de discurso* é analisar/conferir como o discurso funciona, por ser este uma unidade complexa. Segundo Orlandi (2004, p. 59), o texto é heterogêneo: 1) Quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos: imagem, grafia, som, etc.; 2) Quanto à natureza das

linguagens: verbal, escrita, não-verbal, etc.; 3) Quanto à posição do sujeito. 4) Quanto à diferença em termos de formações discursivas (FD).

Já Fernandes (2007, p. 39) enfatiza o conceito de heterogeneidade discursiva sob o enfoque da linguista Jacqueline Authier-Revuz, trazendo a noção de heterogeneidade sob duas formas: *heterogeneidade constitutiva*, sendo a condição de existência dos discursos e dos sujeitos e *heterogeneidade mostrada*, em que a voz do outro se apresenta de forma explícita no discurso do sujeito, podendo ser identificada na materialidade linguística.

Se é no texto que o sujeito de discurso instaura o discurso, o(s) sentido(s) e se constrói historicidade, esse processo se dá na medida em que o sujeito trabalha a relação da *heterogeneidade constitutiva* com a *heterogeneidade mostrada*. Essa relação constrói o movimento da interpretação. Para Orlandi (2004), o sentido é uma questão aberta, porque o texto é multidirecional enquanto espaço simbólico.

Na relação sujeito, sentido no texto, segundo Dantas (2007), a autoria, tem historicamente duas posições: aquela que diz ser o autor todo-poderoso e origem da obra, ou seja, o autor tem preferência sobre o texto, e outra que diz ser o autor construído na e efeito da linguagem, onde o texto tem preferência sobre o autor.

Dantas (2007) ressalta que a partir do momento em que não mais entendemos a posição de autor como aquele que produz o texto e leitor como aquele que o recebe, passamos a entender a autoria como lugar onde se interpretam os sentidos do texto; a região onde o texto é discurso. Assim, a interpretação tem suas formas e condições; ela não se dá da mesma maneira nos diferentes momentos da história. Estabelece Orlandi (2005) que o sujeito possui modo de interpelação diferente. Para essa estudiosa,

O sujeito moderno – capitalista – é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado (pela exterioridade) e determinador (do que diz): essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito a direitos e deveres) e de sua coerência (não contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de (por) sua vontade. Não só dos outros, mas até de si mesmo. Bastando ter poder... (ORLANDI, 2005, p. 104).

Nesse contexto, será tratado, na análise dos dados, o sujeito de discurso, aluno, conforme a posição discursiva que revele ao se enunciar nas mensagens escritas no papel e nas mensagens escritas no celular.

Orlandi (2004, p. 149) enfatiza que a Análise de Discurso teoriza a interpretação em um sentido forte, interrogando a interpretação. Nesse sentido, é fundamental pensar a relação da língua e da ideologia, pois, para a Análise de Discurso, a língua, enquanto sistema sujeito a falhas, se inscreve na história para significar.

Para Fernandes (2007) a Análise do Discurso faz recorrência à História, disciplina que se entrecruza com a Linguística, já que se trata dos sentidos produzidos no discurso, que estão de acordo com as condições de produção histórico-sociais peculiares à existência dos sujeitos. E a respeito dessa ligação, será discutido no próximo tópico fatores históricos do preconceito racial no Brasil.

1.4 História: argumentos ideológicos entre cor e raça

Se é na história que os sujeitos de discurso se evidenciam, aqui merece ser revisto um ponto crucial, a questão do preconceito racial, acerca do qual existe um debate ideológico-social muito forte. Esse não é um tema novo, mas sempre está em evidência no cotidiano humano. Trazendo como referência para esse pensamento, Pêcheux (1997) afirma que a produção histórica de um conhecimento científico dado não poderia ser pensada como uma “inovação nas mentalidades”, uma “criação da imaginação humana”, um “desarranjo dos hábitos do pensamento” etc., mas como o efeito (e a parte) de um processo histórico determinado, em última instância, pela própria produção econômica.

Guimarães (2004) ressalta que compreender o racismo significa circunscrevê-lo à modernidade, pois nos remete logicamente ao aparecimento da ciência da biologia e da filosofia político liberal. No entanto, coloca o autor que o racismo surge, portanto, na cena política brasileira como doutrina científica, quando se avizinha à abolição da escravatura e, conseqüentemente,

à igualdade política e formal entre todos os brasileiros, e mesmo entre estes e os africanos escravizados.

É possível afirmar que a história que envolve o negro na sociedade brasileira também remete a uma questão que inclui o Estado, quando esse envolve todas as formas de preconceito. E no caso pode-se dizer que essa é uma luta de classes sociais distintas, que tem uma representatividade fortemente marcada pela cor do indivíduo. E nesse ponto coloca Althusser (2003, p.125) que cada classe reconhece a si mesma numa ideologia particular e não arbitrária, aquela que está enraizada em sua prática estratégica e que é capaz de unificá-la e orientar sua luta de classe.

Para Pêcheux (1997, p.191), o sistema das ideologias teóricas, próprio a uma época histórica dada, com as formações discursivas que lhes são correspondentes, é, em última instância, determinado pelo todo complexo com dominante das formações ideológicas em presença (isto é, o conjunto dos aparelhos ideológicos de estado).

Quando indivíduos que são aceitos como porta-vozes de um grupo racial caracterizam publicamente um outro grupo racial, Blumer (1980, apud GUIMARÃES, 2004) afirma que são quatro os sentimentos presentes no preconceito racial do grupo dominante: (a) de superioridade; (b) de que a raça subordinada é intrinsecamente diferente e alienígena; (c) de monopólio sobre certas vantagens e privilégios; e (d) de medo ou suspeita de que a raça subordinada deseje partilhar as prerrogativas da raça dominante.

Bastide & Fernandes (1955, apud GUIMARÃES, 2004) enfatizam que o preconceito de cor é tratado como sobrevivência deslocada e não funcional, em que a ênfase é posta no "preconceito de não ter preconceito".

Segundo Althusser (2003, p.125), cada classe se reconhece a si mesma numa ideologia particular e não arbitrária, aquela que está enraizada em sua prática estratégica e que é capaz de unificá-la e orientar sua luta de classe. Assim, a luta do negro por uma melhor posição na sociedade brasileira já vem de uma época bem distante.

No entanto, não se sabe se a existência do preconceito racial no Brasil é contemporâneo, ou se vem desde o período escravista. Fernando Henrique Cardoso (1962, apud GUIMARÃES, 2004) lembra que o preconceito de "raça" ou de "cor" era um componente organizatório da sociedade de castas. Nela,

porém, a representação do negro como socialmente inferior correspondia tanto a uma situação de fato, como aos valores dominantes na sociedade.

Para Florestan (1965, p. 27, apud GUIMARÃES, 2004), a noção de "preconceito de cor" surgiu como uma categoria inclusiva de pensamento, que foi construída para designar, estrutural, emocional e cognitivamente, todos os aspectos envolvidos pelo padrão assimétrico e tradicionalista de relação racial. Por isso, quando o negro e mulato falam de "preconceito de cor" eles não distinguem o "preconceito" propriamente dito da "discriminação". Ambos estão fundidos numa mesma representação conceitual.

Assim, conclui Guimarães (2004) que a luta contemporânea dos negros pelos direitos sociais inerentes à democracia brasileira passou a ter como mote a luta por *cidadania* e respeito aos *direitos humanos*.

Um dos principais meios de defender uma bandeira e ir à luta é fazendo uso da linguagem, prática social que engrandece o homem. Que agora conta com recursos tecnológicos que são usados a seu favor, sendo visto que a utilização de mensagens de texto, torpedos, favorece o contato entre os homens da era da informação, fato que também se faz presente na sala de aula.

2 CAPÍTULO II

Neste capítulo, serão abordados aspectos caracterizadores dos gêneros discursivos, segundo Bakhtin (2003), Marcuschi & Xavier, (2005), Geraldini (2003), Karwoski (2011), bem como será enfatizado um histórico da escrita levando em conta os conceitos de Chartier (1999) e o discurso eletrônico segundo Orlandi (2013). Nesse caminho, este capítulo será finalizado com um tópico sobre letramento.

2.1 Linguagem e gênero de discurso: diferentes esferas da atividade humana

Para Bakhtin (2003), todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Por isso, não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana.

Enfatiza Bakhtin (2003) que a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Segundo Bakhtin (2003), então, faz-se necessário concentrar-se nos fatos linguísticos, o que deve ser levado em conta no estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros de enunciados nas diferentes esferas da atividade humana, já que são importantes para todas as áreas da linguística e da filologia. Então, fica evidente que o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana, e, dessa forma, se faz necessária a presença de atividades funcionais de prática social em sala de aula.

2.2 Linguagem e prática social: o gênero torpedo na sala de aula

Ao reconhecer a linguagem como um posto de observação para a compreensão das questões de ensino, Geraldi (2003) ressalta que a questão da linguagem é fundamental no desenvolvimento de todo e qualquer homem; de modo que ela é condição *sinequa non* (ação cuja condição é indispensável e essencial) na apreensão de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo e nele agir.

E nesse caso também é observável que as práticas de linguagem devem ser consideradas no estudo de gêneros. Assim, Meurer em seu artigo presente em Karwoski(2011) ressalta que as práticas sociais são atividades habituais que as pessoas realizam ao conduzir a vida social nos mais variados contextos. Portanto, é essencial focalizar as práticas de linguagem porque é nelas que se torna viva a ligação entre indivíduos e sociedade.

E no que diz respeito à linguagem como uma prática social, pode-se mencionar o gênero torpedo, pois é um gênero digital que tem uma finalidade comunicativa. E, sendo um texto, ele pode estar presente na sala de aula. Assim, segundo Meurer os analistas críticos do discurso Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21, apud KARWOSKI *et. al.*, 2011, p. 181), explicam que as práticas sociais são “os modos habituais, ligados a perspectivas temporais espaciais específicas, em que os indivíduos aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agir em conjunto no mundo.”

Então é possível perceber que, no mundo contemporâneo, faz-se uso das mais variadas formas de comunicação e, entre essas formas de interação humana na atualidade, têm-se o uso das novas tecnologias, as mensagens de texto (torpedo) que têm tomado uma grande proporção, visto que chegam ao destinatário rapidamente. Portanto, tem se tornado um gênero utilizado por uma gama de pessoas que fazem uso em qualquer lugar, nisso incluímos também a sala de aula.

Muito tem se discutido sobre esse gênero discursivo que, para Filho (2012), é considerado um gênero híbrido, uma mistura de gêneros textuais. Segundo o autor, esse é um gênero que é retratado apenas em seu aspecto estrutural deixando de lado o seu papel social.

Ao analisar os gêneros no contexto da hoje denominada mídia eletrônica, identificada como tecnologia computacional, que teve início nos anos 70 do século XX, Marcuschi & Xavier, (2005, p. 15) descrevem que esse novo tipo de Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) ou comunicação eletrônica, desenvolvem uma espécie de “discurso eletrônico”.

Nessa direção teórica acerca dos gêneros nas práticas sociais letradas, é preciso contemplar, por outro lado, nesse campo teórico os gêneros de discurso, negado para a escrita no papel. Considerando, então, a concepção de gêneros de discurso de acordo com Bakhtin (2003), que afirma que a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. Sendo que para ele qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais são denominados gêneros do discurso. Assim, é possível caracterizar a mensagem escrita no papel como sendo um gênero de discurso, já que ela opera nos recursos da língua, marcando a comunicação.

2.3 Da historicidade da escrita ao discurso eletrônico

Os sujeitos da atualidade estão submersos pela tecnologia e de certa forma necessitam da escrita tanto quanto os homens das cavernas necessitavam dos símbolos para deixar as suas marcas. Assim, a Análise de Discurso como uma ciência que trabalha com o sentido e a sua interpretação ressalta que os gestos intervêm no real dos sentidos, enquanto atos simbólicos com sua materialidade. Por isso, a importância de se buscar no sujeito histórico a atual conjuntura da escrita do sujeito atual.

Sobre a cronologia que data a escrita, lembra Graff (1995 apud MARCUSCHI 2004, p. 23) que a escrita surgiu pouco mais de 3.000 anos antes de Cristo, ou seja, há 5.000 anos. Observa o autor que, no Ocidente, ela entrou por volta de 600 A. C., chegando a pouco mais de 2.500 anos hoje. Apenas em 1.450 é que surge a imprensa. Chartier (1999) vem comparar a revolução eletrônica com a revolução de Gutenberg, fundador da imprensa. A partir daí houve mudanças significativas na transfiguração da cultura escrita.

Bolter (1991 apud MARCUSCHI; XAVIER, 2005, p. 14) observa que a introdução da escrita conduziu a uma cultura letrada nos ambientes em que a escrita floresceu. Indicando que, hoje, a introdução da escrita eletrônica está conduzindo a uma cultura eletrônica, com uma nova economia da escrita. A respeito do texto eletrônico, Chartier (1999, p. 12-13) afirma que

Existe um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas este objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor. A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou do leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.

Chartier vem mostrar que o texto passou a ter um suporte muito mais dinâmico e flexível, que possibilita a escrita ser salva ou apagada da memória eletrônica. Nesse ponto, Orlandi (2013), ao pensar a escritura digital, cita M. Pêcheux para falar de arquivo e relaciona à questão da memória, e distingue a *memória discursiva* (interdiscurso, constituída pelo esquecimento) a *memória metálica* (das máquinas) e a *memória de arquivo*, sendo que esta é a memória institucional. Assim, a autora descreve a memória discursiva como sendo uma memória metálica, ou seja, é na memória metálica que circula o discurso documental, a escrita.

Para Orlandi (2001, p.204), a escrita é uma forma de relação social, sendo a letra, o traço da entrada do sujeito no simbólico. Ainda, conforme Orlandi (2002, p. 233), a escrita especifica a natureza da memória, ou seja, define o estatuto da memória (o saber discursivo que determina a produção dos sentidos e a posição dos sujeitos), definindo assim, pelo menos em parte, os processos de individualização do sujeito.

Nesse sentido, Orlandi (2002, p. 233) afirma que a escrita é lugar de constituição de relações sociais, isto é, de relações que dão configuração específica à formação social e seus membros. Entretanto, sobre o aspecto dos gêneros digitais, Marcuschi; Xavier (2005, p. 18), afirmam que a tecnologia digital depende totalmente da escrita.

Dias (2011, p.58)ressaltaquea discursividade do eletrônico (...) é um processo histórico e ideológico de significação da nossa sociedade contemporânea, do modo como estamos nela, como praticamos os espaços, do modo como somos interpelados em sujeito pela ideologia, através das determinações históricas. No entanto, Silva (2012) em (Reinaldo et. al. 2012), a escrita vista em uma perspectiva etnográfica é

prática social de natureza situada, uma vez que os indivíduos participam de diferentes comunidades discursivas, cada um com valores, crenças, ideologias, convenções e propósitos específicos que se refletem nas formas que os discursos assumem. (SILVA, 2012, p.98)

Para Marcuschi (2004), o letramento, como prática social formalmente ligada ao uso da escrita, tem uma história rica e multifacetada (não-linear cheia de contradições), ainda por ser esclarecida, como lembra Graff (1995):

Em uma sociedade como a nossa a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. E Neste sentido pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. Não por virtudes que lhe são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo geral, Graff (1995 apud MARCUSCHI 2004, p. 16).

Mas ainda é visto que a escola ainda possui certo receio em utilizar a escrita digital. Araújo (2007) frisa que um dos desafios trazidos pelas novas tecnologias e que deve ser conhecido e compreendido pelos professores é a emergência de novos gêneros. No entanto, o autor diz que a escola precisa aprender a olhar para língua não como uma forma homogênea, mas como um lugar de interação para o qual convergem todos os paradoxos humanos. Assim, é necessário que o professor se abra para a tecnologia desenvolvendo letramentos na sala de aula a partir dos gêneros digitais.

2.4 Tecnologia digital: porta para o letramento

Hoje, a escola se depara com alunos que apresentam um conhecimento digital surpreendente, visto que eles pertencem a uma geração em que a era da informação já está subestimada pela era da inovação. A maioria desses estudantes já adentra na escola com o conhecimento dos meios digitais, seja a televisão, o computador ou celular. E sabem manuseá-los com muita facilidade. No entanto, a escola precisa falar a linguagem do aluno partindo da cultura de letramento desse sujeito do século XXI.

Sobre os estudos das interações humanas e o âmbito dos estudos do processamento textual, Dionísio em (Karwoskiet *al.*, 2008) informa que se as formas de interação entre os homens mudam de acordo com as necessidades

de cada sociedade, e se as formas de interação entre as pessoas são influenciadas pelo desenvolvimento tecnológico, o primeiro conceito que merece ser revisto é o conceito de *letramento*.

Na atualidade, uma pessoa letrada deve ser uma pessoa capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem, isso, segundo Dionísio em (karwoskiet *al.*, 2011). Para Pinto em (Dionísio *et. al.*, 2003, p. 48) a linguagem pode ser vista sob dois ângulos: como conhecimento e como instrumento social.

Nesse caso, Marcuschi (2004) conceitua letramento como sendo um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários e por isso é um conjunto de práticas. Seguindo o pensamento desse autor, ressalta Bezerra *et. al.*, (2003, p. 39) que os estudos sobre letramento investigam as práticas sociais que envolvem a escrita, seus usos, funções e efeitos sobre o indivíduo e a sociedade como um todo.

Sobre as práticas sociais de letramento Silva (2012), em seu artigo presente em (Reinaldo *et. al.* 2012), menciona que escrever seria sempre uma atividade que responde a expectativas próprias de um grupo de indivíduos que compartilham certas convenções ou propósitos, ressaltando que:

Se os modos de utilização da escrita variam de um contexto social para outro, logo não haveria um fenômeno geral categorizado como 'letramento', mas vários letramentos que assumiriam características próprias em consonância com os padrões culturais vigentes de cada grupo social e em resposta aos seus objetivos específicos. (SILVA, 2012, p.101).

Rojo (2012, p. 8) fala em multiletramentos, alocando diversas possibilidades de práticas de letramento que, para ela, é possibilitar o trabalho em sala de aula partindo-se da cultura de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídia e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural na direção de outros letramentos.

Segundo Zozzoli e Oliveira (2008), o termo letramento está preso a uma série de significados e ideologias. Assim, Baynham (1995, p. 5 apud ZOZZOLI e OLIVEIRA 2008, p. 94) explica que as práticas de letramento não são neutras nem somente canais tecnológicos de comunicação, compreendendo-se que o letramento em si não seria necessariamente um ato crítico, mas poderia ser um poderoso instrumento para desenvolvimento crítico, justamente por se relacionar à linguagem e por esta ser uma prática social poderosa.

3 CAPÍTULO III – Procedimentos Metodológicos

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos como a caracterização da natureza da pesquisa, da coleta de dados e do contexto da geração dos dados (as aulas). Dados que orientam o desenvolvimento da análise.

3.1 A natureza da pesquisa

Para Barros e Lehfeld (2007), a pesquisa constitui um ato dinâmico de questionamento, indagação e aprofundamento, sendo uma busca de uma resposta significativa a uma dúvida ou problema. Situando-se nessa direção, esta pesquisa focaliza discursos presentes na escrita do aluno, torpedos, e na escrita, mensagens no papel, questionando em que medida os discursos revelam implicações com o meio digital, que vem transformando o cotidiano da sociedade atual e conseqüentemente a rotina dos alunos em sala de aula. Nesse caso, trata-se de uma pesquisa-ação, e segundo Michel Thiollent (1985, p. 14 apud BARROS E LEHFELD 2007, p. 92)

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes da situação ou do problema estão envolvidos e de modo cooperativo ou participativo. Michel Thiollent (1985, p. 14 apud BARROS E LEHFELD 2007, p. 92)

Esse processo de interação que envolve professor e aluno como condição para geração dos dados da referida pesquisa se concretizou em sala de aula. Esses dados, portanto, serão analisados na perspectiva da análise interpretativista, uma vez que “na posição interpretativista, não é possível ignorar a visão dos participantes, no caso, professor e alunos, participantes do mesmo contexto social. Assim, o mundo social que os envolve interfere, sobremaneira, no modo como analisam os fatos sociais pela linguagem. (MOITA LOPES, 1994, 329-338). Pode-se observar que, neste tipo de pesquisa,

o homem interpreta e re-interpreta o mundo a sua volta em uma pluralidade de vozes, envolvendo questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividade.

3.2 As condições para coleta de dados

Esta pesquisa foi aplicada em uma sala de aula composta por 7 alunos de nono ano do ensino fundamental, em uma escola da rede pública da cidade de Remígio-PB. Seguindo-se, os seguintes passos: aplicação de um questionário de sondagem no qual foi possível identificar quais aparelhos ligados ao mundo atual, os discentes utilizavam com mais frequência. Observando-se que o celular foi citado por quase todos os sujeitos alunos, pôde-se pensar em algo que dialogasse com o uso do celular em sala de aula. Nesse caso, o gênero torpedão parecia ser o mais adequado, naquele momento, para ser usado como estratégia para inserção e motivação do sujeito aluno nas aulas de Língua Portuguesa, visto que o torpedão, conforme observações do professor, era um gênero bem utilizado entre eles, inclusive, em sala de aula.

O primeiro passo dessa pesquisa se deu a partir de uma sondagem sobre o uso do celular em sala de aula, para, em seguida partir para escrita de uma mensagem tanto no papel quanto via torpedão. Para o envolvimento do aluno, usou-se como tema o *preconceito racial*. Levou-se para sala de aula uma questão polêmica (textos) envolvendo o assunto relacionado à escolha de personalidades da mídia que apresentariam o sorteio de grupos da Copa do Mundo 2014.

A proposta foi para que um aluno convidasse via torpedão outro colega de sala de aula para assistir ao sorteio de grupos para a Copa do Mundo, de modo que esse aluno deveria se posicionar diante da escolha dos apresentadores: seria um casal de cor branca ou de cor negra.

Em outro momento, como meio de estimular o uso da escrita de torpedão e de mensagens no papel, usou-se como referência, para o desenvolvimento da discussão sobre o preconceito racial, a notícia da trágica morte de Nelson Mandela grande representante da cultura afro. Tema bastante importante no

momento, já que o mundo midiático eclodiu em comentários sobre a atuação de Mandela em defesa do negro na sociedade nos últimos tempos. Daí surgiu à ideia de levar para sala de aula algo que o aluno estivesse vivenciando. E foi através de um texto publicitário sobre racismo e outro uma notícia sobre a morte de Nelson Mandela que foi solicitado ao aluno a elaboração de um comentário e enviasse via torpedo para o professor.

Nesse sentido, foi numa proposta de cunho sociocultural, com ênfase nas “múltiplas fontes de linguagem”, que, no caso, o uso do celular foi inserido na sala de aula como um suporte para o letramento, de modo que o sujeito aluno produzisse mensagens direcionando os seus discursos a um sujeito interlocutor, alunos e professor dessa turma.

3.2.1 A escola

A escolha da Escola Municipal de Ensino Fundamental, Margarida Almeida dos Santos, localizada na cidade de Remígio-PB, mais precisamente no bairro de Lagoa do Mato, para esta pesquisa se deu devido à relação do professor pesquisador com essa escola e com as condições que a caracterizam. A referida escola não funciona em um prédio próprio, mas, em uma associação comunitária que tem intervenção da igreja católica, à qual pertence a estrutura física locada para Secretaria de Educação do Município. Assim, nesse lugar de poucos recursos funcionam quatro turmas no turno da tarde, sendo uma de sexto ano, uma de sétimo ano, uma de oitavo ano e outra de nono ano, que totalizam mais de cem alunos. Uma turma funciona em um salão e as outras três em outro salão, que é dividido por uma estrutura de madeira, oferecendo poucas condições de se realizar uma aula de modo eficaz.

Além de o ambiente não oferecer condições, como barulho, entre outros aspectos, também interfere no trabalho o fato de a demanda de alunos ser composta de adolescentes, que apresentam comportamento de rebeldia, fato que não justifica a falta de educação, que tais alunos demonstram para com professores, direção e funcionários em geral. Então, como consequência, são

poucos os professores efetivos que querem trabalhar nessa escola, muitos preferem as escolas na sede do município e deixam a vaga para ser ocupada pelos prestadores de serviço.

Por outro lado, é possível perceber que tais problemas de comportamento dos alunos estão muitas vezes ligados ao lugar do qual eles vêm, visto que essa é uma comunidade carente e com estrutura precária em termos de moradia. Além do mais, a maioria vem de famílias desestruturadas e vivem à mercê da violência e das drogas.

Ainda assim, foi possível fazer um trabalho de cunho sociocultural com uma das turmas, sendo escolhida a turma de nono ano, que com poucos alunos, (sete, no total) seria talvez mais fácil controlar o número de dados. Importante era mantê-los para que assim não fosse reduzido esse número ainda mais, uma vez que muitos deles desistem para poder ajudar a família ou decidem estudar em escolas no município, deixando a escola do povoado, a qual eles falam que não é uma escola, pois não tem salas de aula como as outras. Entretanto, já existe um projeto de construção da escola nesta comunidade.

3.2.2 Os sujeitos da pesquisa

A turma de nono ano de uma escola da rede pública do município de Remígio-PB, escolhida para esta pesquisa, era composta por sete alunos, com idade entre treze e quinze anos, sendo quatro do gênero masculino e três do gênero feminino. Alguns trabalhavam em feiras ou ajudavam em casa cuidando dos irmãos menores. Um deles não participou totalmente da pesquisa, por não estar com o celular, mas trabalhou com a parte escrita no papel. Nessa turma, eram ministradas cinco aulas de Língua Portuguesa por semana, divididas nas segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras no período da tarde. O professor responsável pela turma e por essa pesquisa, nessa referida turma, tem formação em Letras para Língua Portuguesa e está concluindo um curso de Especialização em Língua Portuguesa pela UEPB.

3.2.3 Descrição das aulas

Para conseguir desenvolver um trabalho que envolvesse o aluno, foi necessário focalizar algo que se aplicasse ao universo do aluno em um contexto do seu cotidiano, e nesse caso, o mais evidente foi pensar esse algo relacionado à mídia, TV, celular e preconceito racial. Esse, por ser um tema muito debatido pela sociedade e conseqüentemente presente no dia a dia desses alunos, sendo assim um assunto importante para a discussão na sala de aula. Para isso, contou-se com um momento histórico para a sociedade brasileira, a realização de uma Copa do Mundo sediada em casa. Além disso, se sabe que o futebol é um esporte muito comum para o povo brasileiro, assim como o carnaval. E ambos são sempre vistos pelo mundo como sendo algo típico do brasileiro, que é estigmatizado como um país de samba e futebol.

Por ser o futebol um dos esportes brasileiros em que muitos meninos sonham em ser jogadores, para conseguir fama, dinheiro, prestígio social, pensou-se, então, em envolver todos, inclusive as alunas, por se considerar o momento, no Brasil, para se tratar desse tema em sala de aula.

Daí, com o surgimento de um tema polêmico, criado pela mídia, envolvendo a opção por um casal de cor branca e não da cor negra para apresentação do sorteio de grupos da Copa do Mundo 2014, gerou-se a discussão sobre o preconceito racial na sala de aula. Então, foi possível envolver aspectos sócio-históricos e ideológicos que cruzam o futebol no Brasil como, por exemplo, pobreza, cor negra, preconceito racial e sonho de uma vida melhor financeiramente. Pontos que a mídia focaliza com muita ênfase. Além de ser o Brasil um país miscigenação negra.

Portanto, muitos alunos principalmente os mais humildes trazem consigo esse sonho de ter uma renda para ajudar em casa e por a mídia apresentar o futebol como algo que lhes pode dar esse retorno, facilmente, muitos se esquecem do principal foco, o estudo. Foi com base nesse contexto que se pensou em uma proposta de aulas para o desenvolvimento das atividades de produção escrita, na turma do nono ano, contando assim com uma produção textual: torpedo e mensagem escrita no papel. Como observado no quadro 1 -

Proposta de aula de Língua Portuguesa para o nono ano do Ensino Fundamental:

Entre os dias 18/11/13 e 02/12/13	Aplicação de um questionário (sondagem) para obter informações sobre aparelhos ligados à tecnologia usados pelos alunos e sobre o uso do celular na sala de aula.
1ª aula (04/12/13)	Texto: MP investiga racismo da Fifa, Por Lauro Jardim, Revista Veja online (leitura e discussão).
2ª aula (04/12/13)	Proposta de atividade escrita 1– o uso do celular na sala de aula (produção de textos) - convite via torpedo e escrito no papel direcionado aos colegas de classe para assistirem ao sorteio de grupos da Copa do mundo 2014, apresentado por Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert, transmitido pela Rede Globo.
3ª aula (06/12/13)	Textos: RACISMO eu já sofri na pele. E você? - Propaganda sobre igualdade racial, promovida pelo governo do Estado Paraíba; Presidente da África do Sul confirma morte de Nelson Mandela, notícia retirada do portal uol; Citação de uma mensagem de Nelson Mandela sobre sua dedicação à luta dos povos africanos. (leitura e discussão)
4ª aula (06/12/13)	Proposta de atividade escrita 2 – o uso do celular na sala de aula (produção de textos) - comentário via torpedo e escrito no papel direcionado para o professor a respeito do preconceito racial.

Quadro 1 - Proposta de aula de Língua Portuguesa para o nono ano do Ensino Fundamental

Essa sequência de atividades gerou os dados que são analisados nesse trabalho. Esses dados são constituídos de exemplos de torpedos e de mensagens escritas no papel. Sendo selecionados da produção dos textos elaborados pela turma do nono ano, três conjuntos de textos, contendo cada um, um torpedo e uma mensagem escrita no papel, uma vez que serão analisados por comparação, observando-se que ponto de vista ideológico (discurso) apresentam sobre o tema – preconceito racial – e os recursos linguístico-discursivos que utilizam no suporte celular e no papel, para contextualizar o tema abordado.

4 CAPÍTULO IV – Análise dos dados

Neste capítulo, serão discutidos os textos produzidos pelos alunos do nono ano, fazendo-se uma análise discursiva do ponto de vista que apresentam, evidenciando-se sua posição discursiva, materializada no modo como escrevem no celular e no papel.

4.1 Retomando as condições de produção

O uso do torpedo na sala de aula se deu a partir da discussão do tema “racismo” motivado pela discussão da escolha de um casal da mídia (TV) de cor branca e não de cor negra para apresentar o sorteio de times para participarem da Copa do Mundo 2014. Assim, os alunos receberam como proposta do professor, enviar torpedos aos colegas convidando-os para assistir a essa apresentação que seria realizada na Rede Globo no dia 06-12-13 e em momentos depois escreveriam a mensagem também no papel. E após a realização dessa etapa, os alunos passariam um outro torpedo e escreveriam a mensagem correspondente no papel, para o professor, comentando sobre o preconceito racial. Para isso, teriam mais um recurso de leitura: a notícia da morte de Nelson Mandela e uma propaganda sobre igualdade racial promovida pelo governo da Paraíba.

Então, serão observadas algumas dessas mensagens na discussão abaixo, conforme a orientação que foi apresentada no capítulo de metodologia da pesquisa.

4.2 O torpedo em sala de aula versus a escrita da tradição escolar

Conjunto de textos (1)

Torpedo -*O preconceito racial é muito errado, os negros também tem direitos, so por que é negro naao pode ter direitos iguais!*

Mensagem escrita no papel -*O preconceito racial é muito errado, os negros também tem direitos, só por que é negro não pode ter direitos iguais.*

Podem ser observados nesses textos (1) discursos em que o sujeito aluno procura expor para seu interlocutor que, assim como os brancos, também são sujeitos que são vistos pela lei, os negros também merecem um olhar mais atento das autoridades. Esse dizer sobre direito e deveres sugere dialogar com o discurso do não-dito que se sustenta na “lei de direitos humanos”. Esse sujeito deixa transparecer uma denúncia (FD): a falta de maior rigor para o preconceito racial. Assim, o sujeito de discurso, no lugar social de aluno do nono ano do Ensino Fundamental, apropria-se de um dizer “cristalizado” que circula em seu espaço de convívio, assumindo como seu ponto de vista. Nesse sentido, o ponto de vista se revela como uma crítica, “é muito errado”, seguida de uma articulação argumentativa fundada no discurso de direitos e deveres “os negros também tem direitos, só porque é negro não tem direitos iguais” que nos forma enquanto sujeito que somos de uma sociedade, constituída por um discurso crítico ideológico sobre o “lugar” de cada um.

Nessa articulação argumentativa, o sujeito de discurso, como aluno, assume o discurso em defesa (FD/FI) do negro “só por que é negro naao ter direitos iguais.” ratificando o que diz a AD sobre a constituição do sujeito e do sentido: os sentidos se instauram em um já-dito que, ao serem atualizados pelos sujeitos, ressignificam-se, conforme esse novo momento de enunciação, em outros “novos” sentidos.

Sob o ponto de vista da textualidade, considerando o torpedão e a escrita no papel, pode-se comparar a escrita eletrônica com a escrita no papel. Constata-se que, no torpedão, o sujeito pareceu estar mais “à vontade”, visto que em seu discurso ele se expressa revelando espanto e até indignação para com os direitos entre brancos e negros. É tanto que, no torpedão, usa uma estratégia de fala “naao”, repetindo a vogal quando se quer enfatizar algum sentido (recurso próprio de fala), bem como também utiliza um ponto de exclamação, o que torna até mais espontâneo o seu discurso, se comparado ao discurso escrito no papel em que esse sujeito usa um ponto final, como se

fosse apenas uma informação a mais, a questão do negro ter direitos iguais ao branco.

Conjunto de textos (2)

Torpedo -*As pessoas tem preconceito racial com as pessoas meras recebem baixo salario ja as pessoas brancas recebem um bom salario isso pode ser um preconceito racial por causa da cor da pele*

Mensagem escrita no papel -*As pessoas tem preconceito racial com as pessoas negras recebem baixo salario ja as pessoas brancas recebem um bom salario: isso pode ser um preconceito racial por causa da cor da pele*

Nestas mensagens escritas em *locus* diferentes, visualiza-se que no torpedo esse sujeito se evidencia mais disperso em relação ao uso da linguagem. E isso pode ser observado quando ele escreve “meras” em vez de “negras”, ao se referir às pessoas que sofrem com preconceito racial, elaboração que foi revista e “corrigida” quando escreveu no papel. Então, há um sentido discursivo, ao se analisar a origem da palavra “mera” em que se pode perceber que ela se origina do Latim MERUS, que quer dizer puro, simples, sem mistura, segundo o *site* de etimologia <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/mero/>. Um dos sentidos que pode configurar-se no domínio do discurso do não-dito, nesse modo de expressão do sujeito em foco, pode realizar-se no dizer que se historicizou, segundo o qual as pessoas negras geralmente são simples, puras e sem mistura. Portanto, comparando-se com as pessoas brancas, o negro também poderá ser visto como um sujeito simples, ou seja, simples em, por exemplo, sentido de ser pobre. Por isso essa relação enfática para esse tipo pessoa como sendo de baixa condição financeira em comparação ao de cor branca.

Observando-se também os sentidos da palavra “pura” ou “mera”, é possível lembrar o conceito de raça ariana, que, idealizada pelos nazistas, servia para designar a raça branca que demonstrava superioridade em relação às outras, conforme dados sobre Raça ariana retirados da Wikipédia. Daí, quando esse sujeito aluno se refere a “meras”, ele também pode estar

querendo dizer que, ao se comparar a raça branca à raça negra, o negro ainda é inferior, pois relativamente seu salário ainda é menor do que o do branco. Além disso, como a palavra “mera” significa sem mistura, o dizer desse sujeito pode remeter a outro sentido, o que afirma que o negro ainda não pode se misturar com o branco (preconceito, discurso ideológico). Esse dizer dialoga com discursos não-ditos acerca do preconceito racial que parecem estar se evidenciando nessa relação: já-dito x não-dito na superfície linguística. Portanto, a escrita desse sujeito demonstra que o discurso em torno do preconceito social, existente em relação à cor da pele do negro, se evidencia nas entrelinhas do texto eletrônico e do texto escrito no papel.

Conjunto de textos (3)

Torpedo -*O preconceito racial é abolido, porque muitas pessoas nao tomam atitudes contra isso, Nelson Mandela foi um líder que queria a paz em todo o mundo e entre todos os povos de diferentes nações.*

Mensagem escrita no papel -*O preconceito Racial é abolido, porque muitas pessoas não Tomam atitudes contra isso, Nelson Mandela foi um líder que queria a paz em todo o mundo e entre todos os povos de diferentes nações.*

Nesse conjunto de textos, o sujeito aluno parece revelar desconhecimento sobre o sentido de “abolido”, já que não controla a dispersão, processo que se materializa na elaboração sintático-semântica entre as orações “O preconceito Racial é abolido, **porque...**”. Isto é, o sujeito não controla a seleção dos signos, o que se evidencia na mensagem escrita, nos dois suportes, utilizados pelo aluno. Esse modo de dizer e suas articulações linguísticas podem também sugerir outra elaboração, logo, outro sentido: pode ser que ele tenha esquecido do advérbio de negação entre “O preconceito racial” e “é abolido”.

O conjunto de textos referenciados pelo sujeito aluno mostra que, apesar de escrever que “o preconceito racial é abolido”, ele quer reafirmar que esse preconceito ainda se mantém vivo. Assim, ele apenas não soube adequar o

conectivo ao sentido que a argumentação propõe. É tanto que demonstra, através do seu dizer “muitas pessoas não tomam atitudes contra isso”, que as pessoas ainda aceitam o preconceito, apesar de o Brasil ter acabado com a escravidão há um bom tempo. E a referência à personalidade de Nelson Mandela funciona como uma estratégia para dimensionar, tornar valorizado o seu ponto de vista.

Ainda evidencia-se, nesse torpedão e nesse texto escrito no papel (3), que, para esse sujeito, o preconceito também motiva para se discutir a paz entre os povos, essa possibilidade remete a um discurso religioso, constituído a partir de formações discursivas e ideológicas advindas da produção de sentidos, em torno do interdiscurso sobre “religião”. Ao falar de Nelson Mandela como líder que pregava a paz em diferentes nações, o sujeito aluno entrecruza discursos, envolvendo um discurso político, de um líder que foi presidente da África do Sul, e também ressalta um discurso humanitário de um homem que envolvia todos os povos em torno de uma causa nobre, libertar o negro das amarras do preconceito. Considerando o lugar do sujeito de discurso – o aluno do 9º ano, percebe-se na materialidade dos sentidos nessas mensagens, como o aluno movimenta-se enquanto leitor trazendo os efeitos da leitura em rede que fez dos textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi possível compreender que, apesar dos desafios de se trabalhar com a escrita em um gênero não convencional, ainda assim, foi realizado um trabalho que dialogou, não somente com uma teoria, mas que trouxe um enfoque plural para a vivência escolar do aluno, havendo um envolvimento de todo o grupo que dialogou em um novo espaço de posicionamento na sala de aula. Isso a partir de um tema polêmico “preconceito racial” e uso do celular que motivaram o aluno a participar com mais interesse da aula.

O celular, transformado em recurso didático, auxiliou o professor a introduzir na sala de aula um outro gênero, o digital. Ao fazer uso do gênero “torpedo” em sala de aula, este trabalho pode trazer para o aluno uma prática de letramento capaz de envolvê-lo em uma discussão acerca de um tema polêmico. Percebe-se que os sujeitos quando escreveram torpedos e nas mensagens escritas no papel puderam expor com evidência o que realmente pensavam, diante de um tema tão estigmatizado pela sociedade que é o preconceito racial.

Então, pode-se observar que o incentivo da escrita ainda tem um peso que recai sobre o professor, pois deve partir dele a escolha de novos métodos de trabalho, principalmente no momento atual, em que o jovem já adentra no espaço escolar com uma bagagem cultural e tecnológica muito elevada.

Importante esclarecer que esta experiência teve algumas limitações ocorridas no desenvolvimento da proposta, já que deveria ser aplicada de modo a se estender a outras etapas de trabalho com a escrita, envolvendo os suportes, de modo a favorecer um processo de letramento mais produtivo para o aluno como sujeito em formação.

No entanto, este trabalho cumpriu, de certo modo, uma função social, considerando os alunos que envolveu e as condições em que estudam esses alunos. Unindo-se a abordagem de um tema como o preconceito racial, que é um problema de natureza sociocultural ao uso do celular em sala de aula, lugar tido como “não apropriado”, em que na verdade é “proibido”. Essa breve experiência levanta reflexões importantes, voltadas para o ensino da prática da

escrita em sala de aula, bem como para abrir discussões sobre como se pode favorecer para que os discursos do aluno possam ter lugar e assim serem trabalhados em favor da formação desse aluno do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Júlio César (org.). **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado**. 9.ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS; Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.
- DANTAS, Aloísio de Medeiros. **Sobressaltos do discurso: algumas aproximações da análise do discurso**. Campina Grande: ADUFCG, 2007.
- DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2003.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Paulo Claraluz, 2007.
- FILHO, Ismar Inácio dos Santos. Gêneros do SMS: torpedos e ações sociais em mudanças e recorrências. In: REINALDO, Maria Augusta; MARCUSCHI, Beth; DIONISIO, Angela; (orgs.). **Gêneros textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito de cor e racismo no Brasil**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012004000100001&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 de abril de 2014, às 15:56.
- KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MOITA LOPES, L. P. **Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução**. *D.E.L.T.A.*, Vol. 10, Nº 2, 1994, 329-338.
- ORIGEM DA PALAVRA – **site etimológico**. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/site>. Acesso em: 01 de julho de 2014, às 23:48.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto: formulações e circulação dos sentidos**. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 2005.
- ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4. Ed. Campinas: Pontes, 2004.
- ORLANDI, Eni. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano:**

sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol2. Consultada no Portal Labeurb- <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>

_____. **Língua e conhecimento lingüístico**. Para uma história das idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

RAÇA ARIANA. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ra%C3%A7a_ariana. Acesso em: 01 de julho de 2014, às 23:58.

REINALDO, Maria Augusta; MARCUSCHI, Beth, DIONISIO, Angela. **Gêneros textuais**: práticas de pesquisa e práticas de ensino. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

ROJO, Roxane Helena R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da; ALMEIDA, Maria de Lourdes Leandro; ARANHA, Simone Dália de Gusmão, (orgs.). **Literatura e linguística**: teoria, análise, prática. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. A produção de texto: entre o discurso e a prática. In: ZOZZOLI, Rita Maria Diniz; OLIVEIRA, Maria Bernadete de, (orgs.). **Leitura, escrita e ensino**. Maceió: EDUFAL, 2008.

Anexos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA – CELIP IV

Questionário de Sondagem (1ª Parte)

1. Você aceita participar desta pesquisa: _____

2. Nome da escola: _____

3. Turno que estuda: _____ / Série: _____

4. Nome do(a) Aluno (a): _____

5. Idade: _____

2ª Parte

1. Qual destes aparelhos você tem?

() Televisão () Computador () Celular () Telefone fixo

2. Quais deles você utiliza com mais frequência? Se o celular estiver entre os que você faz uso com frequência, justifique.

() Televisão () Computador () Celular () Telefone fixo

3. Você leva o celular para sala de aula? Justifique sua resposta, seja qual for a sua escolha.

() Sim () Não

4. Você usa o celular durante as aulas? Justifique sua resposta. Caso seja afirmativa sua resposta, explique como usa esse aparelho, e com que finalidade.

() Sim () Não

5. Você acha que seria interessante usar o celular nas aulas de Língua Portuguesa? Justifique. Se sua resposta for positiva, explique como poderia ser utilizado.

() Sim () Não

Agradecemos sua colaboração.

Remígio-PR / /

Assinatura do(a) responsável pelo(a) aluno(a)

MP investiga racismo da Fifa



Lima: a apresentadora do sorteio

A rejeição da Fifa aos nomes de Lázaro Ramos e Camila Pitanga segue rendendo polêmica. Agora, até o Ministério Público resolveu entrar na história.

O 6º Promotor de Justiça Criminal de São Paulo, Christiano Jorge Santos, abriu um procedimento visando “à apuração de eventual crime de racismo tendo em vista que os atores representam de maneira mais adequada a composição étnica e racial do povo do Brasil, ao passo que os atores escolhidos, **Fernanda Lima** e Rodrigo Hilbert, de raça branca/caucasiana, sob tal aspecto, não”.

Continua o promotor:

+ A escolha dos apresentadores, portanto, dada a elevadíssima audiência aguardada, é relevante para a identificação dos componentes do povo brasileiro, por habitantes de todo o mundo. Relevante também a escolha em razão da autoafirmação dos brasileiros afrodescendentes.

+ Os aspectos acima apontados também são relevantes porque o maior ícone futebolístico de todos os tempos é brasileiro e negro (Edson Arantes do Nascimento, o “Pelé”).

Por Lauro Jardim

<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/diversos/mp-abre-investigacao-para-apurar-racismo-da-fifa/>

E. M. E. F. MARGARIDA ALMEIDA DOS SANTOS

PROFESSOR: JOEL GUEDES DE SOUSA

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

ALUNO(A): _____ 9º ANO _____

DATA: ____/____/____

O USO DO TORPEDO NA SALA DE AULA

Após sabermos o motivo que levou a polêmica de ter havido racismo na escolha dos apresentadores do sorteio de grupos da Copa do Mundo, envie uma mensagem via torpedo para um colega de classe escolhido pelo seu professor convidando-o para assistir ao sorteio oficial dos grupos do Mundial de futebol, que ocorrerá às 14 horas (de Brasília, 13h locais) de sexta (06/12/2013), na Costa do Sauípe, na Bahia, com transmissão pela Rede Globo. Nesse torpedo você irá se posicionar contra ou a favor sobre a escolha de um casal Branco e não Negro para apresentar o sorteio de grupos da Copa do Mundo 2014. Antes de enviar a mensagem copie-a nesta folha. E ao recebê-la não se esqueça de enviar uma resposta para o seu colega que também deve ser copiada. É importante que ao receber a mensagem de seu colega você a escreva.

Nº do seu

Celular: _____

Nº do celular do seu

colega: _____

Envio de mensagem ao colega:

Mensagem recebida do colega:

Resposta da mensagem

Resposta da mensagem do colega:

OBS.: Todos os torpedos também devem ser enviados para o professor.

E. M. E. F. MARGARIDA ALMEIDA DOS SANTOS
 PROFESSOR: JOEL GUEDES DE SOUSA
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 ALUNO(A): _____ 9ºANO
 DATA: ____/____/____

O USO DO TORPEDO NA SALA DE AULA

Lei os textos abaixo:

Texto (1)

RACISMO
 EU JÁ SOFRI NA PELE. E VOCÊ?

Na minha cidade, Catolé do Rocha no Sertão da Paraíba, eu tinha só dezesseis anos, fui dar parte de um soldado e acabei ficando preso. Eles cortaram meu cabelo, me deram banho de água gelada e, ao invés de punir o soldado, eles me puniram porque sou negro.

Chico César

RACISMO UM CRIME QUE SE SENTE NA PELE

IGUALDADE RACIAL. COMPROMISSO DO GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana

GOVERNO DA PARAÍBA
 PRA SUA VIDA FICAR MELHOR, O GOVERNO FAZ DIFERENTE.

Texto (2)

Presidente da África do Sul confirma a morte de Nelson Mandela

O presidente da África do Sul Jacob Zuma confirmou a morte do ex-presidente do país Nelson Mandela nesta quinta-feira (5). Mandela, 95, morreu em sua residência, em Johannesburgo, onde havia sido levado no dia 1º de setembro após passar quase três meses internado para tratamento de uma infecção pulmonar.

Mandela foi o maior símbolo de combate ao regime de segregação racial conhecido como apartheid, que foi oficializado em 1948 na África do Sul e negava aos negros (maioria da população), mestiços e asiáticos (uma expressiva colônia de imigrantes) direitos políticos, sociais e econômicos.

A luta contra a discriminação no país o levou a ficar 27 anos preso, acusado de traição, sabotagem e conspiração contra o governo em 1963. Condenado à prisão perpétua, Mandela foi libertado em 11 de fevereiro de 1990, aos 72 anos. Durante sua saída, o líder foi ovacionado por uma multidão que o aguardava do lado de fora do presídio.

Em 1993, Nelson Mandela recebeu o prêmio Nobel da Paz por sua luta contra o regime do apartheid. Na ocasião, ele dividiu o prêmio com Frederik de Klerk, ex-presidente da África do Sul que iniciou o término do regime segregacionista e o libertou da prisão.

Um ano depois, em 1994, Mandela foi eleito presidente da África do Sul, após a convocação das primeiras eleições democráticas multirraciais no país. Sua vitória pôs fim a três séculos e meio de dominação da minoria branca na nação africana.

Ao tomar posse, o líder negro adotou um tom de reconciliação e superação das diferenças. Um exemplo disso foi a realização da Copa Mundial de Rúgbi, em 1995, no país. O esporte era uma herança do período colonial e, por isso, boicotado pelos negros, por representar o governo dos brancos.

Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/12/05/presidente-da-africa-do-sul-confirma-a-morte-de-nelson-mandela.htm>. Acesso em: 06/05/2013.

Texto (3)

Durante a minha vida me dediquei a esta luta dos povos africanos. Eu lutei contra a dominação branca e lutei contra a dominação negra. Tenho acalentado o ideal de uma sociedade democrática e livre em que todas as pessoas viverão juntas em harmonia e com oportunidades iguais. É um ideal que espero viver. Mas, meu senhor, se for preciso, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer'.

Nelson Mandela

Após ler os textos envie um torpedo para seu professor fazendo um comentário a respeito do preconceito racial. Escreva abaixo sua mensagem.
